

UM BREVE HISTÓRICO DA LITERATURA HOMOERÓTICA NO BRASIL.

Mably Lopes de Castro¹

RESUMO:

Este artigo trata-se de um breve estudo historiográfico da formação da literatura homoerótica no Brasil, elencando algumas obras do século XIX e XX. Reflete alguns conceitos pertinentes ao entendimento de homoerotismo e homossociabilidade, além de dialogar sobre o entendimento de literatura gay e literatura homoerótica. Também explora o desenvolvimento do movimento homossexual brasileiro e as articulações políticas sociais da cultura gay. Embasados nos estudos *Queer* e nos estudos foucaultianos, discute a lógica binária imbricada no discurso da sexualidade e poder, ademais, elenca algumas obras e autores que fazem parte da construção literária de temática gay no Brasil, busca a valorização dessas obras, afirmando a necessidade de estudos, produções e leituras de uma literatura considerada de gueto.

Palavras-chave: Homoerotismo, homossociabilidade, literatura gay.

ABSTRACT:

The present article brings a brief historiography study of the homoerotic literature formation in Brazil, listing some works of the XIX and XX centuries. Reflects some relevant concepts to understand the homoerotism and homossociability, also to dialogue about the understanding of the gay literature and homoerotic literature. Likewise explores the development of the Brazilian homosexual activity and their social joint policy of gay culture. Based on the *Queer* studies and also in the Foucauldian studies, debate the binary logic imbricate on the discourse of sexuality and power, furthermore, lists some of the works and authors who made part at the literary construction about the gay theme in Brazil, looking for appreciation to these works, affirming the studies need, productions and readings of a ghetto view literature.

Key-words: Homoeroticism, homossociability, gay literature.

¹ Universidade estadual de Montes Claros – Unimontes. Mestrando em estudos literários com bolsa FAPEMIG. E-mail: mablycaritas@gmail.com

Ao estudarmos literatura brasileira e a formação do cânone literário, nos deparamos com grande quantidade de escritos sob uma ótica masculinizada, quase não se percebe publicações de grupos denominados minoritários. A escrita feminina durante longos anos esteve à margem do que se considerava uma literatura brasileira de qualidade e digna de fazer parte do conjunto de publicações canônicas. Da mesma forma, outros grupos sofreram com essa marginalização na literatura brasileira – índios, negros e homossexuais, sempre que representados na literatura, partiam de um olhar masculino, branco e heterossexual. Segundo Paulo José Vicente Barata (2013), o que caracterizava um texto como literário não era simplesmente a sua qualidade estética, mas os espaços pelos quais circulavam o autor e a receptividade desses espaços aos seus escritos, o que depende bem quando afirmamos que a literatura brasileira foi marcada pelas relações sociais e políticas nas aceitações de obras literárias. Os homens definiam o que deveria ser escrito, como ser escrito, segregando algumas formas de expressões artísticas.

No entanto, mesmo diante de todas essas ações marginalizadoras, encontra-se na literatura escritoras que desafiaram (transgrediram) as normas hegemônicas que regiam as produções literárias, mulheres que eram consideradas apenas espectadoras das produções masculinas ou musas inspiradoras, começam a lutar pelo seu espaço. Escritoras como Julia Lopes de Almeida, Maria Firmina dos Reis, Maria Benedicta Camara Bormann, entre tantos outros nomes de mulheres que faziam parte do cenário artístico cultural brasileiro e que foram, segundo Heloisa Buarque de Holanda (2003) silenciadas, ousaram e escreveram.

E é a partir do movimento feminista, conhecido como segunda onda, que as articulações políticas nas lutas pela liberação feminina e pela igualdade, luta voltada também para o campo discursivo, no ideal de gênero e das relações de poder, começam a ganhar visibilidade. Holanda (2003) reflete sobre a necessidade de significação que esses movimentos buscavam e que futuramente vieram a se intensificar nos meios acadêmicos.

Devido ao momento político vivido no Brasil, marcado pelo período ditatorial, o movimento feminista brasileiro organiza-se em relação às lutas políticas – busca por direitos civis, liberdade e mudanças nas condições sociais, deixando para um segundo momento as lutas pelas quais os movimentos feministas internacionais se articulavam.

Gestada durante a ditadura, a organização do movimento de mulheres mostram seus efeitos no processo de redemocratização do país, particularmente durante a campanha “diretas já”, pela restauração do voto democrático, em 1985. Praticamente todos os partidos políticos apresentaram propostas encaminhadas por grupos feministas, formou-se o Conselho Nacional pelos Direitos da Mulher, e foram criadas ainda em 1985, as Delegacias da Mulher, hoje em numero de 50 espalhadas por todo o país. (HOLANDA, 2003, p. 17).

Dessa forma percebe-se um movimento politizado nacionalmente, porém sem deixar de lado as lutas que marcaram a emergência do movimento feminista. Nesse mesmo ano (1985), surgem ainda, de acordo com os estudos desenvolvidos por Holanda (2003), grupos de pesquisadores acadêmicos voltados para a questão das mulheres. As Universidades começam a abrir espaço para as pesquisas e publicações de cunho feminista que buscavam de forma arqueológica elencar produções de mulheres que haviam sido esquecidas pela literatura nacional. “Constatai também que quase 70% destes estudos filiam-se chamar na área de “tendência arqueológica” – ou seja, o

trabalho de recuperação de atores e dados históricos “silenciados” pela literatura canônica”. (HOLANDA, 2003, p. 18).

Concomitante à organização feminista, há também a articulação de outros grupos, como os movimentos negros e do movimento homossexual brasileiro. Em 1970, muitos grupos e organizações em defesa da liberdade gay² surgiram ao redor do mundo. Acredita-se que a revolta conhecida como a rebelião de Stonewall³ foi um marco nas lutas pela libertação e conquistas de direitos dos homossexuais. De acordo com os estudos de James Green (2003) muitos dos grupos formados na América Latina contavam com a participação de movimentos esquerdistas –

Ainda não sabemos a história completa sobre a fundação dos primeiros grupos politizadas de homossexuais na América Latina, mas parece que a maioria dos grupos que surgiram no início dos anos de 1970 e 1980, tiveram entre seus fundadores e líderes, membros de partidos comunistas ou de seus grupos dissidentes, ou ainda, provenientes de outras formações esquerdistas. (GREEN, 2003, p. 12).

Segundo estudiosos, o movimento homossexual brasileiro surgiu efetivamente no final da década de 1970, juntamente com outras organizações político-sociais, como os movimentos negros e feministas. Citando Regina Facchini (2009) a criação do grupo *Somos* (grupo de afirmação homossexual) foi um marco nas lutas pelos direitos civis dos homossexuais, juntamente com o jornal *O lampião*, “que se voltava para um enfoque acentuadamente social e político da homossexualidade, assim como de outros temas políticos afins e até então considerados “minoritários”, como o feminismo e o movimento negro”. (FACCHINI, 2009, p. 13). Muitos dos participantes desses grupos eram de intelectuais exilados durante o período da ditadura militar, com o seu retorno, eles trouxeram novas ideias e experiências com os novos movimentos internacionais.

O grupo *Somos* fundamentava-se em ideais voltados para igualdade e valorização dos indivíduos que se relacionavam com o mesmo sexo, a construção de uma identidade social, além de se posicionar contra o autoritarismo imposto pelas políticas do regime ditatorial, e via nas lutas homossexuais um meio de transformação cultural.

No início da década de 1980 o movimento sofre uma regressão devido ao surgimento da AIDS, denominada de “câncer gay”. A doença foi fortemente ligada a indivíduos homossexuais, o que ocasionou ainda mais a perseguição e o preconceito, diversos grupos não assumiram a AIDS como sua luta prioritária, concentrando seus esforços em outras pautas. Apesar da perda de força por parte de alguns movimentos, Isadora Lins França (2009) afirma que,

²A utilização do termo gay ocorre devido a sua utilização internacional. “‘gay’ fundamenta-se nas profundas transformações advindas com os movimentos de liberação que se desenvolveram na esteira da revolução sexual, de maio de 68 e de Stonewall, principalmente, e que determinaram o surgimento, nas principais metrópoles do Ocidente, de uma identidade gay, entendida como um estilo de vida multidimensional estruturado a partir de uma opção homossexual.” (BARCELLOS, 2006, p. 25).

³Revolta ocorrida nos Estados Unidos em 28 de junho 1969 no qual grupo de homossexuais insatisfeitos com a forte repressão policial e com as leis que criminalizavam as práticas de sujeitos que se relacionavam com o mesmo sexo, reagem marchando contra a polícia. Foi um marco no início das conhecidas paradas do orgulho LGBT. (GREEN, 2003).

Nesse período, muitas vezes visto como de desmobilização do movimento, foram obtidas conquistas, como a retirada da homossexualidade do código de doenças do Instituto Nacional de Previdência Social. A adoção e a disseminação da ideia de “orientação sexual” também foram marcantes, assim como um intenso debate acerca da inclusão da garantia de não-discriminação por “orientação sexual” na Constituição Brasileira. (FRANÇA, 2009, p. 61).

Essas conquistas tiveram grande importância no cenário gay e nas políticas pautadas nos interesses dos sujeitos dissidentes, e serviram como um combate à percepção da homossexualidade como uma doença, crença amplamente difundida nos meios sociais, ainda assim, não se pode deixar de mencionar todo o impacto negativo que a AIDS ocasionou à vida dos gays. Segundo Guacira Lopes Louro, (2016), a doença agiu como um reforço a homofobia já existente na sociedade.

Contudo, há quem afirme que a doença teve também um caráter positivo, uma vez que provocou o surgimento de “redes de solidariedade. O resultado são alianças não necessariamente baseadas na identidade, mas sim um sentimento de afinidade que une todos os sujeitos atingidos”. (LOURO, 2016, p. 36). Mesmo sabendo que a doença não é algo que atingiu e atinge apenas sujeitos homoafetivos, esse público foi o mais estigmatizado pela sociedade. A epidemia de AIDS contribuiu para mudanças nos estudos, sobretudo a partir dos anos 90, os estudos sobre a doença já abordavam a sexualidade de outra forma.

Na conjuntura nacional, a partir do início da década de 1980, os temas relacionados à homoafetividade passaram a fazer parte do âmbito de pesquisas acadêmicas, algumas universidades começam a discutir, embasadas em teóricos como Michel Foucault, as posições identitárias e a compreensão dos sujeitos homoeróticos. Nesse ínterim, percebemos que variadas pesquisas começaram a ser difundidas ao redor do tema, mais abrangente, os discursos acerca da sexualidade, sexo, corpo e gênero se tornaram questões profundamente debatidas numa perspectiva histórica e social, afastando assim, de inúmeros conceitos perpetrados pela medicina.

Antes de discorrer sobre literatura e homoerotismo é preciso delimitar alguns conceitos que fazem parte da temática, principalmente por algumas obras terem sido escritas num período em que as relações homossexuais eram vistas como doença, o termo homossexualismo compreende uma carga negativa e preconceituosa, porém muito utilizado durante longos anos pela sociedade.

A utilização do termo homossexualismo e homossexualidade foram constituídos e amplamente divulgados pela medicina no século XIX e XX, caracterizam indivíduos que se relacionavam com o mesmo sexo, ou que se supunha relacionar, visto que características afeminadas poderiam ser causas de estranhamento e condenações. Seja na área médica, legal ou religiosa, as práticas desses indivíduos eram consideradas abomináveis, pecado contra a natureza, sodomia, transgressão às concepções hegemônicas da época.

Em vista disso, pesquisadores e também a crítica literária opta pela utilização do termo homoerótico, uma vez que esse consegue abarcar um significado muito mais abrangente nas relações dos sujeitos homossexuais. O termo homoerótico não se limita a um determinado grupo identitário, mas abrange todos os indivíduos, parte da estrutura social. Assim, o conceito de homoerotismo torna-se pertinente ao refletir as diversas formas de relações eróticas entre pessoas do mesmo sexo: “é uma noção mais flexível e que descreve melhor a pluralidade das práticas ou desejo dos homens” (COSTA, 1992, p. 21). Jurandir Freire Costa (1992) afirma, ainda, que a noção

de homoerotismo distancia das concepções de patologia, anormalidade que a palavra homossexualismo carrega.

A amizade entre sujeitos do mesmo sexo é algo frequentemente encontrada em obras literárias, logo a utilização de homosociabilidade, divulgado a partir da obra de Eve Kosofsky Sedgwick, trazidos pelo pesquisador José Carlos Barcellos, consegue traduzir bem seus significados–

[...] pretende nomear e articular num todo coerente a extensa rede de práticas sociais intragenéricas, através das quais se regulam os laços de solidariedade e colaboração, por um lado, ou de rivalidade e competição, por outro, entre aqueles indivíduos que se identificam como pertencentes ao mesmo gênero. (BARCELLOS, 2006, p. 22-23).

A Literatura homoerótica, enquanto abordagem crítica e de análise de produções homoafetivas, sofre influência dos estudos gays e lésbicos e também dos Estudos *Queer*⁴ que vem retratar os sujeitos desviantes e problematizar de forma crítica as práticas normativas que instituem hierarquias identitárias. De acordo com Louro “a Teoria *Queer* permite pensar a ambiguidade, a multiplicidade a fluidez das identidades sexuais e de gênero, além disso, também sugere novas formas de pensar a cultura, o conhecimento, o poder e a educação” (LOURO, 2001, p. 550). Ademais, resgatar e valorizar as narrativas dessa temática é parte do intento desses estudos teóricos.

Nos estudos sobre o homoerotismo, a Teoria *Queer* possibilita a análise crítica dos processos de normalização sobre o masculino e o feminino, como também da construção da dicotomia hetero/homossexualidade, de modo a colocar no plano das observações o caráter constitutivo histórico e cultural das categorias de corpo, desejo e sexualidade.

As teóricas e os teóricos *Queers* compreendem a sexualidade numa perspectiva foucaultiana, como um dispositivo histórico do poder, o que proporciona pensar o modo pelo qual as “tecnologias de poder” postulam uma “verdade sobre o sexo” e produz corpos sexuados.

A sexualidade é um nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder. (FOUCAULT, 2014, p. 115).

O funcionamento do dispositivo da sexualidade faz-se por meio de “técnicas móveis, polimorfos e conjunturais de poder” (FOUCAULT, 2014, p. 115). Ele produz “uma extensão permanente dos domínios e das formas de controle”. Nele o que é relevante “são as sensações do corpo, a qualidade dos prazeres, a natureza das

⁴ A Teoria *Queer* emergiu nos Estados Unidos em fins da década de 1980, em oposição crítica aos estudos sociológicos sobre minorias sexuais de gênero. [...] A escolha do termo *Queer* para se auto determinar, ou seja, um xingamento que denotava anormalidade, perversão e desvio, servia para destacar o compromisso em desenvolver uma analítica da normalização que, naquele momento, era focada na sexualidade. [...] Teórica e metodologicamente, os estudos *queer* surgiram do encontro entre uma corrente da Filosofia e dos Estudos Culturais norte-americanos com o pós-estruturalismo francês, que problematizou concepções clássicas de sujeito, identidade, agência e identificação. (MISKOLCI, 2009, p. 150-152).

impressões, por tênues e imperceptíveis que sejam”. Sua ligação com a economia dá-se “através de articulações numerosas e sutis, sendo o corpo a principal – corpo que produz e consome”. (FOUCAULT, 2014, p.116). Este dispositivo delimita o corpo enquanto categoria discursiva e histórico-socialmente construída que deve estar em consonância com o sistema normativo regulador sobre sexo. Jeffrey Weeks (2000), afirma que “O estudo de Foucault sobre o dispositivo sexual está intimamente relacionado com a análise que ele faz do desenvolvimento daquilo que ele vê como a "sociedade disciplinar", que é característica das formas modernas de regulação social” (WEEKS, 2000, p. 35).

A literatura, antes mesmo de haver campos teóricos e metodológicos para o estudo de composições homoeróticas, já trazia construções marcadas pelos amores e desejos dos sujeitos que se relacionavam com o mesmo sexo. Acredita-se que o romance *Bom-Crioulo* de Adolfo Caminha, publicado no ano de 1895, foi um dos primeiros livros literários a retratar a homossexualidade no cenário brasileiro.

O romance representa o amor entre Amaro, um negro escravizado, mas que havia fugido, conhecido também como Bom-Crioulo, que ao começar trabalhar em um navio da marinha brasileira conhece Aleixo, um jovem branco, de feições um tanto femininas que desperta uma paixão no Bom-crioulo. Após um período de romance no mar, Amaro leva Aleixo para viver em um quarto alugado no Rio de Janeiro, assim poderiam viver a liberdade dos seus desejos, entretanto durante o tempo em que Amaro estava fora, Aleixo se deixa seduzir pela personagem Carolina, dona do imóvel. Ao descobrir a traição, Amaro tomado pelo ciúme mata o seu amado Aleixo.

Escrito num contexto naturalista, o romance reflete imagens de uma sociedade altamente preconceituosa e homofóbica, a obra intersecciona questões de raça, gênero e sexualidades, escrita num período pós abolicionista, o romance retrata também a animalização do sujeito negro, assim como a patologização dos sujeitos inclinados às relações com o mesmo sexo. Antonio de Pádua dias da Silva comenta que “A beleza de *O bom-crioulo* está na sua temática, na paixão das personagens, na tese defendida pelo romance naturalista, na visão de mundo de sociedade, de sujeito, de raça, de gênero, de outros elementos sustentadores de uma sociedade.” (SILVA, 2009, p. 38).

O relacionamento entre as personagens retoma a uma ideia clássica de pederastia, no qual há uma troca entre o sujeito mais velho e o mais novo. Amaro é constituído enquanto um homossexual viril que vê na imagem feminina de Aleixo um sujeito fraco e passivo, necessitado de proteção, dado que, em todas as relações sexuais entre os dois, Amaro era o único que penetrava (ativo). No entanto, mesmo descrito como sujeito feminino/passivo Aleixo não tinha convicção da sua sexualidade, pois sob os carinhos da personagem Carolina, ele muda o direcionamento do seu prazer, se tornando aquele que penetra.

Nessa lógica binária, compreendemos bem quando Judith Butler afirma que “os corpos não se conformam, nunca, completamente, às normas pelas quais sua materialização é imposta” (BUTLER, 2000, p. 54). À medida que os corpos tendem a se desvincular do que lhes é imposto socialmente, tornam-se objetos de marginalização e perseguição. A sociedade necessita regular os corpos subjetivos, visto que eles fazem parte de um corpo coletivo altamente vigiado. Weeks reflete sobre a sociedade que –

[...] ela se tornou cada vez mais preocupada com o disciplinamento dos corpos e com as vidas sexuais dos indivíduos. Isso deu lugar a métodos intrincados de administração e de gerenciamento; a um florescimento de ansiedades morais, médicas, higiênicas, legais; e as intervenções voltadas ao

bem-estar ou ao escrutínio científico, todas planejadas para compreender o eu através da compreensão e da regulação do comportamento sexual. (WEEKS, 2000, p. 36-37).

A literatura homoerótica, assim como todas as representações literárias não é direcionada a um único perfil de leitor. Mesmo que os códigos utilizados na escrita conjurem vivências de um determinado grupo social, ou ainda sirva como denúncia, a literatura é objeto de apreciação de todos os indivíduos que se propõem a experimentar as representações artísticas. Por conseguinte, para alguns leitores que não possuem uma visão endógena das práticas descritas, torna-se necessário o conhecimento de algumas nuances que indiquem o teor homoerótico dos escritos. Nem todas as representações homoeróticas da literatura são de fácil compreensão para o leitor.

Um exemplo disso é o romance *O Desconhecido*, publicado em 1940, do autor mineiro Lúcio Cardoso. Para alguns leitores menos atentos, a obra retrata uma conjuntura que a princípio não indica uma relação efetivamente homoerótica, por não trazer a finalização do desejo erotizado. Contudo, se partimos de uma análise homosocial, logra-se perceber claramente a representação de um amor e desejo homoerótico, ainda que velado.

Levantou-se e, pé ante pé, se aproximou, contornando cautelosamente a mesa que separava os dois catres. Depois, retendo a respiração, sentou-se na borda do leito em que Paulo descansava. Não podia explicar esse furioso desejo de sentir alguém vivo junto de si, uma âncora que o retivesse junto a essa vida que parecia revolvê-lo constantemente ao seu lugar de espectador. Sim, como pudera imaginar que conseguiria viver de um modo diferente, como ousara acreditar que seria possível romper os limites traçados ao seu destino? Deus do céu, como ousara reclamar o que não lhe era devido? E José Roberto escondeu o rosto nas mãos, ofuscado pela vergonha que lhe queimava o rosto. (CARDOSO, 2000, p. 143-144).

Barcellos (2006) escreve sobre a importância das construções identitárias gays na leitura e interpretações de obras literárias de cunho homoafetivo. A valorização de uma obra literária parte de diversos fatores que norteiam sua composição. Sob essa perspectiva, Antonio de Pádua Dias da Silva salienta sobre a visibilidade das produções homoeróticas “que não apenas o fator político determina a cristalização de uma obra/autor”, mas também os valores estéticos e “tanto o critério político quanto estético são os determinantes para a construção do conceito de gênero textual (literatura gay) e também de sua história” nesse sentido é que “o fator estético termina sendo, do ponto de vista da crítica e da teoria literária, o critério primeiro e último que fecharia o círculo em torno da questão aventada”. (SILVA, 2009, p. 36).

Portanto, o que apontamos é que, por mais que os fatores sociais da cultura gay influenciem no entendimento e nas construções do que se pode denominar como uma literatura homoerótica ou também chamada de literatura gay, elementos que estão intimamente ligados às produções literárias em geral devem ser respeitados – enredo, linguagem, e tudo que envolve a composição ficcional.

Apesar disso, há ainda alguns questionamentos e problemáticas no que diz respeito a uma literatura homossexual e uma literatura gay, tendo em vista que alguns autores, como exemplifica Barcellos (2006), consideram a existência dessa literatura gay somente a partir dos movimentos culturais da década de 1970, acreditando que as produções anteriores cairiam numa perspectiva homossexual, levando a crer em uma

literatura “canônica” e uma literatura de gueto. Contrapondo a essa ideia, Barcellos reitera que,

A distinção entre literatura homossexual e literatura *gay*, portanto, não se reduz simplisticamente a uma oposição entre literatura erudita e literatura de massa, ou entre literatura canônica e não-canônica, nem tampouco à tematização implícita ou explícita do homoerotismo, ainda que todas essas questões sejam pertinentes para a análise de obras literárias específicas. (BARCELLOS, 2006, p.79-80).

É preciso compreender tudo que envolve as produções literárias homoeróticas – os sistemas de signos, significados linguísticos e culturais, as redes que abarcam as figurações de gênero e identidade, e também a função estética, para não perpetuarmos a valorização de obras apenas pelas nossas crenças e preconceitos.

Assim, retomando ao romance *Bom-crioulo*, nota-se que ele consegue agregar os valores estéticos do período em que foi escrito, como também representar o universo de uma cultura proscrita pela sociedade.

Uma vez lado a lado com o grumete, sentindo-lhe o calor do corpo roliço, a branda tepidez desejada e virgem de contatos impuros, um apetite selvagem cortou a palavra ao negro. A claridade não chegava sequer à meia distância do esconderijo onde eles tinham se refugiado. Não viam um ao outro: sentiam-se, adivinhavam-se por baixo dos cobertores. Depois de um silêncio cauteloso e rápido, Bom-Crioulo, aconchegando-se ao grumete, disse-lhe qualquer coisa no ouvido. (CAMINHA, 2011, p. 24).

Acompanhamos, por esse trecho, as realizações dos desejos mais íntimos, a sensibilidade, o tocar, o olhar, no qual o erótico toma seu lugar, exemplificando os aspectos da representação homoafetiva. É claro que, retomando as discussões descritas anteriormente, toda narrativa construída por Adolfo Caminha remete a práticas consideradas contra a natureza, reflexos das crenças religiosas, médicas, jurídicas “E consumou-se o delito contra a natureza”. (CAMINHA, 2011, p.25).

No mesmo período em que Adolfo Caminha escreveu *Bom-crioulo*, o autor Raul Pompéia lança seu romance *O ateneu*, publicado no ano de 1888, sob o mesmo viés naturalista, no entanto com uma linguagem um pouco mais contida. O romance traz a vivência da personagem Sérgio, ainda na adolescência, que se vê obrigado a morar em um colégio interno. O romance mostra a predisposição dos espaços na construção do desejo e como esses desejos são contidos sob uma forte vigilância.

[...] Os gênios fazem aqui dois sexos, como se fosse uma escola mista. Os rapazes tímidos, ingênuos, sem sangue, são brandamente impelidos para o sexo da fraqueza; são dominados, festejados, pervertidos como meninas ao desamparo. Quando, em segredo dos pais, pensam que o colégio é a melhor das vidas, com o acolhimento dos mais velhos, entre brejeiro e afetuoso, estão perdidos... Faça-se homem, meu amigo! Comece por não admitir protetores. (POMPEIA, 1996, p. 15-16).

As relações afetivas baseadas no binarismo sexual implicam numa construção homoafetiva bem delimitada, os adolescentes ou eram fortes e consequentemente seriam dominadores, ou eram fracos e dominados. Mesmo as práticas sexuais não sendo narradas, as posições sociais dentro do espaço eram bem

configuradas, o forte sempre seria considerado como macho, enquanto o fraco seria visto como um sujeito feminino. As relações de poder estão fortemente imbricadas na narrativa, desde as composições das personagens que controlam os internos, ao espaço do colégio, e também pela dicotomia forte/fraco que se apresenta em toda a narrativa.

James Green, ao escrever *Além do Carnaval*, estudo sobre a homossexualidade masculina no Brasil do século XX, mostra que a imprensa também estava atenta aos amores que não deveriam ser mencionados. O editorial do jornal *Rio Nu* publica no ano de 1914 o livreto *O Menino da Gouveia* apresentando o desejo e as práticas homossexuais “A tiragem exata dessas publicações pornográficas é desconhecida, mas o simples fato de que o sexto da série reproduza um conto insolente sobre deleites eróticos entre homens indica, no mínimo, a existência de algum mercado para o tema homossexual.” (GREEN, 2000, p. 69). O conto retrata a história de um jovem garoto inclinado aos desejos homoeróticos, que sendo expulso de casa, é retratado como putinho que sente prazer em relações anais. O jovem, no decorrer da narrativa, busca um homem com quem se relacionar. O texto traz uma visão estereotipada dos indivíduos gays, diversas vezes tidos como putinhos.

Estendido junto a mim na cama suspirativa do chateau, depois de ter sido enrabado duas vezes, tendo na mão macia e profissional a minha respeitável porra, em que fazia umas carícias aperitivas, o menino do Gouveia, isto é, o Bembem, contou-me pitorescamente a sua história com todos os não-mebulas de sua voz suave de putinho matriculado.

- Eu lhe conto. Eu tomo dentro por vocação; nasci para isso como outros nascem para músicos, militares, poetas ou até políticos. Parece que quando me estavam fazendo, minha mãe, no momento da estocada final, peidou-se, de modo que teve todos os gostos no cu e eu herdei também o fato de sentir todos os meus prazeres na bunda.

Quando cheguei aos meus treze para catorze anos, em que todos os rapazes têm uma curiosidade enorme em ver uma mulher nua, ou pelo menos um pedaço de coxa, um seio ou outra parte do corpo feminino, eu andava a espreitar a ocasião em que algum criado, ou mesmo meu tio, ia mijar, para deliciar-me com o espetáculo de um caralho de um homem. (GREEN & POLITO, 2007).

Esta obra, ainda que não possua grande rigor estilístico e estético, consegue exemplificar as práticas sexuais existentes no Rio de Janeiro, como descreve o próprio Green (2000) ao dizer que alguns locais específicos do Rio de Janeiro no final do século XIX e início do século XX, que eram destinados a encontros de pessoas que procuravam relações homoafetivas. Além de representar também a pedofilia, visto que a relação se dava entre um adolescente e um homem adulto.

Além desses autores já citados, é possível encontrar uma grande contribuição de diversos autores brasileiros para a construção de uma literatura homoerótica, desde o canônico Machado de Assis, com o conto *Pílades e Orestes*, publicado originalmente em 1906 na coletânea de contos *Relíquias da Casa velha*, até autores da contemporaneidade, como Caio Fernando Abreu, João Gilberto Noll, João Silvério Trevisan, entre outros.

O pesquisador Luis Ruffato traz uma seleção de contos homoeróticos no livro *Entre nós* (2007), que contempla escritos de autores como Machado de Assis, João do Rio, Aníbal Machado, Dinah Silveira da Queiróz, Moreira Campos, Harry Laus, Lygia Fagundes Telles, Rubem Fonseca, Autran Dourado, Samuel Rawet, Silviano Santiago, Luiz Vilela, Myriam Campello, Julio César Monteiro Martins, Cíntia

Moscovich, Simone Campos. Luis Ruffato (2007) escreve sobre a importância de elencar uma coletânea de contos homoafetivos “*Entre nós* pretende contribuir para essa discussão, oferecendo por meio de diferentes abordagens, uma reflexão que ultrapassa as fronteiras silenciosas dos guetos, já que o preconceito, a repressão, a violência são males que nos atingem a todos” (RUFFATO, 2007, p. 14).

O escritor João Guimarães Rosa traz em sua obra muito conhecida *Grande Sertão: Veredas* reflexos de uma masculinidade que foge aos padrões sociais, que questiona as fraquezas e as crises enfrentadas pelos homens ao lidarem com suas masculinidades, assim é visto na paixão velada da personagem Riobaldo por Diadorim.

No Brasil, assim como em outros países latinos, a valorização do ser masculino segue um padrão bem delimitado, diferentemente do que podemos observar na cultura gay americana, a construção da identidade brasileira enquanto estruturas de gênero limitam-se em Homem/mulher, macho/fêmea, fortes/fracos, ativos/passivos. Green (2000) relata que na crença do país do carnaval os indivíduos homoeróticos seguem a mesma lógica dos corpos héteros, o que de fato não se aplica às vivências.

Essa valorização do ser masculino enquanto indivíduo supostamente superior pode ser enxergada através do romance *Em nome do desejo* (1983), de João Silvério Trevisan, que narra a relação de dois jovens seminaristas que descobrem-se “amando contra a corrente” (TREVISAN, 1985) e que diante de uma forte repressão, que é típica dos espaços que exercem o poder, estabelecem uma relação afetiva. No centro da narrativa está a personagem conhecida como Tiquinho, um jovem franzino e corporalmente fraco, e o Jovem Abel arquétipo de virilidade e “masculinidade”. O romance Trevisiano é um exemplo das novas concepções a respeito do corpo e da masculinidade, das desconstruções acerca de estereótipos sexuais e dos sistemas repressivos da sexualidade, pois como podemos notar no romance, havia um regulamento para todas as atividades dentro do local.

– O Regulamento previa tudo?

– Quase tudo. Pelo Regulamento – um livrinho entregue a cada novato, no primeiro dia de Seminário – era proibido Maiores conversarem com Menores, exceto em algumas poucas ocasiões; durante o trabalho comunitário das 12:30 e no fim do recreio obrigatório da noite, quando se podia rezar o terço a sós, em grupo ou a dois, sempre andando pelo campo de futebol. (TREVISAN, 1985, p. 31-32).

Pierre Bourdieu (2002), na obra *A Dominação Masculina*, discorre sobre as relações afetivas e sexuais como sendo, “relação social de dominação”, na qual, pode-se constatar o início das divisões entre “o masculino, ativo, e o feminino, passivo” e afirma ainda que, essa rede de dominação “dirige o desejo – o desejo masculino como desejo de posse, como dominação erotizada” assim como o desejo feminino pela dominação masculina, “como subordinação erotizada” e numa perspectiva homoerótica “as posições e os papéis assumidos nas relações sexuais, ativos ou passivos principalmente, mostram-se indissociáveis das relações entre as condições sociais que determinam”. (BOURDIEU, 2002, p. 31).

— Como se configurava essa dicotomia na cabeça de Tico?

— A mesma entre o macho (Abel) e a fêmea (Tiquinho), coisa que o torturava e enchia de ressentimentos. Por exemplo, temia muito compreensivamente que Abel o deixasse de amar e não o respeitasse mais ao comprovar que seu amigo não passava de um fresquinho. (TREVISAN, 1985, p. 164-165).

Sob esse mesmo aspecto de lógica binária, Michel Foucault (2014), reflete que homossexualidade e heterossexualidade fazem parte de um discurso pautado nas relações de poder, histórico e culturalmente estabelecidos. Na ótica foucaultiana, a sexualidade é constituída de variados discursos – ou seja, não é natural, tampouco biológica. Foucault, defende a sexualidade como uma prática de exercício de poder, diferindo da prática de dominação, visto que a sexualidade é um dispositivo histórico de poder, desejo e poder se interseccionam eximindo de um dominador ou dominado.

Weeks (2000) escreve sobre os estudos foucaultianos relacionados à sexualidade e poder –

O estudo de Foucault sobre o dispositivo sexual está intimamente relacionado com a análise que ele faz do desenvolvimento daquilo que ele vê como a "sociedade disciplinar", que é característica das formas modernas de regulação social — uma sociedade de vigilância e controle que ele descreve no seu livro *Vigiar e punir* (1977). Ele argumenta aqui que, no período moderno, deveríamos ver o poder não como uma força negativa que atua com base na proibição ("não deverás"), mas como uma força positiva preocupada com a administração e o cultivo da vida ("você deve fazer isto ou aquilo"). Trata-se do que ele denomina "bio-poder"; e a sexualidade tem aqui um papel crucial. Pois o sexo é o pivô ao redor do qual toda a tecnologia da vida se desenvolve: o sexo é um meio de acesso tanto à vida do corpo quanto à vida da espécie; isto é, ele oferece um meio de regulação tanto dos corpos individuais quanto do comportamento da população (o "corpo político") como um todo (Foucault, 1993). (WEEKS, 2000, p. 35-36).

Guacira Lopes Louro dialoga sobre a necessidade de romper com essas estruturas dicotômicas, pois tanto a heterossexualidade e a homossexualidade são interdependentes, assim, “segundo os teóricos e teóricas *queer*, é necessário empreender uma mudança epistemológica que efetivamente rompa com a lógica binária e com seus efeitos: a hierarquia, a classificação, a dominação e a exclusão.”(LOURO, 2016, p.46-47).

Toda essa representação literária nos permite dialogar e questionar sobre como a sexualidade é construída e fixada, e como os indivíduos que fogem dessa lógica, que transitam por essas identidades fixas são marginalizados, e em muitos casos perseguidos e violentados. Tanto personagens quanto escritores carregam o olhar da margem, as produções homoeróticas muitas vezes sofrem as mazelas do preconceito e as representa.

A literatura é importante meio de representar, criar e desconstruir pensamentos de uma sociedade, que diversas vezes foi e ainda é repressiva, além de mostrar as transformações temporais e dar voz àqueles que foram silenciados. Nesse sentido, é através desses breves diálogos e considerações sobre a literatura de temática gay que podemos afirmar que essas obras possuem valor estético e literário, além de ser um forte instrumento de denúncia as desigualdades sociais e ao desrespeito. Assim, a leitura e o estudo dessas obras que compõem o histórico de publicações homoeróticas nos permitem perceber um pouco mais do olhar do outro, apreender sobre o que não faz parte das nossas vivências.

REFERÊNCIAS

BARCELLOS, José Carlos. Literatura e Homoerotismo Masculino: perspectivas teórico-metodológicas e práticas críticas. In.: SOUZA JR. José Luiz Foureaux (org). *Literatura e Homoerotismo: Uma introdução*. São Paulo: Scortecci, 2002.

_____. *Literatura e Homoerotismo em Questão*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2006.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003.

_____. “Corpos que pensam: Sobre os limites discursivos do ‘sexo’”. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2. ed. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 151-172.

CAMINHA, Adolfo. *Bom-crioulo*. São Paulo: Rideel, 2011.

CANDIDO, Antonio *et. All.* *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

CARDOSO, Lúcio. *O Desconhecido e Mãos Vazias*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

COSTA, Jurandir Freire. *A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

FACCHINI, Regina, SIMÕES, Júlio Assis. *Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

FACCHINI, Regina; FRANÇA, Isadora Lins. De cores e matizes: sujeitos, conexões e desafios no Movimento lgbt brasileiro. *Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana*, nº 3, 2009, p. 54-81.

FOCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. São Paulo: Paz e terra, 2014.

GREEN, James. *Além do carnaval: A homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. Trad. Cristina Fino & Cássio Arantes Leite. São Paulo: Editora Unesp, 1999.

HOLLANDA, Heloisa Buarque. O estranho horizonte da crítica feminina no Brasil. In: SUSSEKIND, Flora. DIAS, Tânia, AZEVEDO, Carlito (Orgs.). *Vozes femininas – gêneros, mediações e práticas da escrita*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho – ensaios sobre a sexualidade e teoria queer*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

_____. Teoria Queer – Uma política pós-indentitária para a educação. *Revista Estudos Feministas*, ano 9, Florianópolis, jul./dec. 2001, p. 541-553.

_____. O corpo educado: pedagogias da sexualidade. 2. ed. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MALUCO, Capadócio. O menino da Gouveia. In: GREN, James & POLITO, Ronald. *Frescos Trópicos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. *Sociologias*, ano 11, nº 21, Porto Alegre, jan./jun. 2009, p. 150-182.

POMPÉIA, Raul. *O Ateneu*. 16ª ed., São Paulo: Ática, 1996.

RUFFATO, Luiz. *Entre nós*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2007.

SILVA, Antonio de Pádua Dias da. A literatura brasileira de temática homoerótica e a escrita de si. In: *Acta Scientiarum. Language and Culture*, v. 36, nº 1, Maringá, jan./mar. 2014, p. 61-71.

TREVISAN, João Silvério. *Em nome do desejo*. São Paulo: Max Limonad, 1985.

VALENTE-BARATA, Paulo José. Ana Luisa de Azevedo Castro: a romancista e a formação do cânone. In: DUARTE, Constância Lima (et al.). *Arquivos femininos: literatura, valores, sentidos*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2014.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2. ed. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 363-394.